

IDENTIDADE(S) E GLOBALIZAÇÃO MODERNA

Adriana Pereira de Sousa

Mestranda em Sociologia PPGS/UFPB
anairda30@ig.com.br

Resumo: Este trabalho é resultado das reflexões obtidas a partir das leituras bibliográficas em cumprimento da disciplina de Sociologia da Cultura, ministrada pelo Profº Dr. Marcos Ayala do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFPB. O presente trabalho tem por objetivo discutir identidade e sociedade no atual mundo globalizado. O processo fugaz da globalização moderna tornou-se antagônico, ao passo que elimina a distância temporal e espacial, tende a homogeneizar também a forma econômica, política e cultural entre os povos de todo o globo, aumentando também as desigualdades sociais e sendo cada vez mais intolerante com a “diferença” ou o “diferente”. Num mundo tão complexo, onde informações de massa são jogadas todos os dias em cima das pessoas e as mudanças comportamentais acontecem a cada segundo, não poderia ser diferente do que é, o indivíduo não ter apenas uma identidade e sim se familiarizar e se identificar com várias.

Palavras Chave: identidade, globalização e multiculturalismo.

Introdução

O presente artigo é resultado das reflexões obtidas a partir de algumas leituras que tratam da relação sobre indivíduo e sociedade no atual mundo globalizado. A globalização moderna tem permitido de forma fugaz eliminar a distância temporal e espacial, tende também a hegemonizar a forma econômica, política e cultural entre os povos de todo o globo. Por outro lado, essa tecnologia facilita apenas a vida de algumas pessoas, o acesso a essas facilidades não está ao alcance de todos, criando um abismo cada vez mais profundo nas sociedades desse mundo tão moderno e globalizado.

Essas contradições levam a tensões inevitáveis, os anseios individuais vão de encontro com as exigências para viver em sociedade. A harmonia, as tensões e os conflitos estabelecidos na sociedade não são determinados pela vontade individual, é o resultado do ambiente que as pessoas formam umas para as outras nas relações de interdependência social. Nas sociedades multiculturais, a inter-relação social tende a ser mais complexa quando tratamos das relações entre indivíduos que carregam consigo diferenças étnicas, religiosas, raciais ou culturais. A inter-relação social requer uma dinâmica que gira em torno da legitimação da identidade, ter uma identidade implica no reconhecimento de si pelo outro.

As barreiras para o reconhecimento social consistem no desafio em superar as regras de conduta e aparência impostas por aqueles que não possuem características físicas ou comportamentais que o desabonará enquanto tal, os que não se afastam negativamente das expectativas particulares em questão, são aqueles que se encontram dentro dos padrões de “normalidade” social. O preconceito sempre mostrou ser uma barreira ao pleno reconhecimento, as condições

de privação social conduz o indivíduo a mudar a sua identidade sempre que houver oportunidade para isso, principalmente quando essa mudança resulta num ganho social ou status social.

Num mundo tão complexo, onde informações de massa são jogadas todos os dias em cima das pessoas, onde as migrações são cada vez mais intensas, as mudanças comportamentais acontecem a cada segundo e a globalização mais acelerada do que nunca, não é e não poderia ser diferente de o indivíduo não ter apenas uma identidade e sim se familiarizar e se identificar com várias.

Tempos de globalização moderna

No mundo contemporâneo globalizado, a tecnologia cada vez mais sofisticada tem aprimorado e facilitado os meios de comunicação. O rádio, os jornais, as revistas, a televisão e claro a internet, têm possibilitado um grande fluxo de idéias entre as mais diversas culturas do planeta. Por outro lado, essa tecnologia facilita apenas a vida de algumas pessoas, negando o acesso à maioria das populações, nem todos tem o mesmo acesso a essas facilidades, criando um abismo cada vez mais profundo nas sociedades desse mundo tão moderno e globalizado.

A globalização da economia propicia uma falsa ilusão de um mundo culturalmente hegemônico, nos dando a sensação de que todos têm acesso a tudo o que ele nos oferece, diminuindo então as diferenças sociais e culturais entre os povos do planeta, como se os preconceitos, segregação racial, desrespeito pelas diferenças culturais fossem coisa do passado. Por outro lado, as diferenças multiculturais locais associadas com a desigualdade social deixaram de ser um problema local, apresentando-se então como um problema em comum nas civilizações ocidentais, as quais se formaram forjando uma hegemonia cultural que hoje se apresenta com dissonâncias latentes nos países ocidentais. Como lidar com os grandes abismos sociais e as diferenças culturais é o assunto que hoje está na ordem do dia, porque ao mesmo tempo em que nos sentimos inseridos numa sociedade global e hegemônica lidamos todos os dias com os mais diversos tipos de preconceitos e estigmas sociais. A intolerância com a diferença ou com o diferente é um “fenômeno” (se assim podemos dizer) presente nessas sociedades, as quais andam de mãos dadas com o progresso e a tecnologia. Essa crise social, hoje é mais visível nos países denominados de países em desenvolvimento, os quais não conseguem ou não tem condições de acompanhar o desenvolvimento econômico, tecnológico e social dos países dito de primeiro mundo, agravando ainda mais as diferenças sociais, deixando sua população muitas vezes sem condições de sobrevivência digna.

Segundo GIDDENS (1991,14) os modos de vida produzidos pela modernidade romperam bruscamente com as ordens sociais tradicionais, as transformações na modernidade são muito mais fugazes e profundas comparando-as com as sociedades tradicionais que precederam a época da globalização. Sobre o plano extensional, elas serviram para estabelecer formas de interconexão social que cobrem o globo; em termos intencionais, elas vieram alterar algumas das mais íntimas e pessoais características de nossa existência cotidiana.

Essas mudanças resultaram num paradigma contraditório e problemático, ao mesmo tempo em que a globalização permite a modernização, o desenvolvimento econômico, o intercâmbio cultural e o encurtamento da distância através dos meios de transportes e comunicação cada vez mais sofisticados e eficientes, ela tende a aumentar as desigualdades sociais e ser cada vez mais intolerante com a “diferença”.

A fugacidade e o descompasso dessas mudanças refletem diretamente nas relações sociais e no cotidiano dos indivíduos, tornando as relações pessoais e sociais cada vez mais flexíveis e superficiais. Dentro desse contexto, o indivíduo encontra-se numa crise identitária sem precedentes, devido às múltiplas identidades que assume nesse mundo moderno, tendo que “manipulá-la” o tempo todo para encontrar um lugar de “encaixe” nessa sociedade.

Bauman (2004) refere-se à atual sociedade moderna globalizada como um mundo moderno líquido, que transformou as relações sociais em relações descartáveis. Houve uma profunda flexibilização na construção da identidade pessoal e social, nas relações de trabalho e nas relações sociais como um todo. Essas mudanças de comportamento são os reflexos de uma sociedade consumista, a qual busca incessantemente o prazer e a satisfação instantânea, fazendo das relações sociais o mesmo que se faz com os produtos de vitrines que estão à disposição para serem consumidos e descartados imediatamente e substituídos por outros quando estes já não satisfazem mais as nossas necessidades de prazer momentâneo.

Diante desse quadro, os abismos culturais hoje são cada vez mais latentes, o indivíduo muitas vezes já não sabe mais quem é. A intolerância com a diferença e com o diferente tem ficado cada vez mais perceptível, sendo esta cultural, étnica, religiosa ou em relação aos grupos denominados de minoritários que reivindicam o direito de ter um reconhecimento social, ou seja, reivindicam o direito de ter uma identidade dentro de uma sociedade que cada vez mais determinam padrões comportamentais e sociais que devam ser aceitos e seguidos, marcando claramente a exclusão daqueles que não se encaixam nesse perfil, criando-lhes uma gama de estigmas sociais e privando-os cada vez mais do direito de reivindicar ou de escolher a sua própria identidade social.

A noção de sujeito e de identidade no pensamento moderno tem passado por mudanças significativas. O sujeito moderno nos discursos e práticas da modernidade surge como uma figura

“centrada”, e no período denominado de modernidade tardia esse sujeito se encontra como uma figura “descentralizada” reunindo dois significados distintos: é indivisível e singular. Expressar a identificação do indivíduo requer o “conhecimento” da sua identidade pessoal ou sua biografia, essa identidade pessoal é um ato cognitivo, aquilo que o indivíduo é, e só pode ser conhecido gradativamente se relacionando com outras pessoas e tornando possível esse conhecimento de si; o “reconhecimento” do indivíduo que é dado pela relação social estabelecida, ou seja, o reconhecimento depende dos meios de comunicação que exprime o fato de que a pessoa é detentora de um valor social, a forma como as outras a vêem, isso nada mais é senão a identidade social. Portanto, o indivíduo carrega consigo duas identidades: a identidade pessoal e a identidade social, esta última sendo passiva de manipulação, já que o indivíduo tem a liberdade de escolha e de se ultrajar de acordo com a conveniência social que ele espera ter.

Diretamente ou indiretamente os indivíduos estão interligados entre si numa rede de dependência e interdependência, suas ações individuais na rede de sociabilidade acabam alterando as relações dentro da sociedade, essa ordem invisível de vida em comum implica em mudanças sociais, que na verdade não é uma decisão de um único indivíduo em particular, mas sim, o resultado das relações sociais dentro dessa estrutura oculta a qual chamamos de sociedade.

Num mundo tão complexo, onde informações de massa são jogadas todos os dias em cima das pessoas, onde as migrações físicas são cada vez mais constantes, as mudanças comportamentais acontecem a cada segundo e a globalização mais acelerada do que nunca, não poderia ser diferente de o indivíduo não ter apenas uma identidade e sim se familiarizar e se identificar com várias identidades sociais. A identidade não é estável e unificada, ela é perceptível de mudanças ou até mesmo provisória. Esta flexibilidade do sujeito tanto de seu lugar no mundo social e cultural quanto de si mesmo constitui uma “crise de identidade”, estas se encontram cada vez mais fragmentadas na atual modernidade líquida.

O processo da globalização contemporânea tem causado extensos efeitos diferenciadores no interior das sociedades ou entre as mesmas, a relação social tornou-se mais frágil, conflituosa e cheia de tensão devido à dificuldade em tratar e aceitar o “diferente” com respeito e reconhecer o seu direito de possuir uma identidade social.

Nas sociedades multiculturais, a inter-relação social tende a ser mais complexa quando tratamos das relações entre indivíduos que carregam consigo diferenças étnicas, religiosas, raciais ou culturais. A inter-relação social requer uma dinâmica que gira em torno da legitimação da identidade, o indivíduo ao mesmo tempo em que mantém as suas características peculiares culturais e étnicas ele absorve alguns valores que são inerentes a sociedade da qual ele faz parte, mantendo uma linha tênue entre a identidade pessoal e identidade social, sendo a segunda possível somente a partir do auto-reconhecimento, o que implica em reconhecimento pelo outro.

“Segundo HALL (2006), sociedades multiculturais são aquelas que abrigam em seu território diferentes comunidades culturais que convivem e tentam construir uma vida em comum”. Estas se relacionam em uma interação social pacífica e às vezes numa relação conflituosa, cujos valores culturais e morais estão em conflito na sociedade em que se relacionam. A complexidade das relações sociais nos lança o desafio em estabelecer a harmonia entre indivíduo e sociedade livre de tensões e conflitos, o que nem sempre é possível, devido aos anseios pessoais de cada indivíduo e as exigências sociais para viver em sociedade. Essas contradições levam a conflitos inevitáveis, uma vez que a harmonia ou os conflitos estabelecidos na sociedade não é fruto da decisão individual de cada pessoa e sim o reflexo da relação entre os indivíduos, sendo este o resultado do ambiente que as pessoas formam umas para as outras nas relações de interdependência social.

A cultura molda a identidade ao dar sentido à experiência e ao tornar possível optar entre várias identidades possíveis, por um modo específico de subjetividade. A identidade social é fruto das relações sociais, marcada pela diferença e a diferença é marcada pela exclusão. A construção da identidade é tanto pessoal como social. Uma das formas que a identidade estabelece suas reivindicações é por meio de apelos a antecedentes históricos, são as particularidades que marcam o indivíduo desde o seu nascimento até a vida adulta que só são possíveis pelo convívio social.

A identidade individual, possui características próprias que a singularizam e que ao mesmo tempo a diferencia dentro da cultura em que se encontra, seja pelos seus aspectos de aparência exterior ou seja pelas particularidades de sua cultura de origem. “Ao reconhecer os outros membros da coletividade como portadores de direito, nós podemos nos entender também como pessoas de direito, no sentido de que podemos estar seguros do cumprimento social de algumas de nossas pretensões” (HALL, 2001).

De acordo com GOFFMAN (1975,29-31) o indivíduo tem a possibilidade de revestir-se de acordo com a representação que queira fazer diante daqueles que o observam. A representação da identidade social pode ser empregada intencionalmente ou inconscientemente pelo indivíduo. Porém, ele tenta conciliar a aparência com a maneira de agir, a primeira é definida de acordo com o ambiente social em que ele se encontra; a segunda: está relacionada com a expressão do rosto e o tom da fala que são utilizados pelo indivíduo, esta podendo ter um tom de arrogância, humildade ou agressividade, é o comportamento do indivíduo em si. Frequentemente o indivíduo procura conciliar a aparência com a maneira de agir para a obtenção do resultado socialmente esperado.

Evidentemente é esse conflito pessoal em relação ao o “eu” e o “outro” que o leva a manipulação da sua identidade. Ao mesmo tempo em que é visto e valorizado de acordo com o olhar do outro,

são as condições de privação social, racial e o preconceito que conduzem o indivíduo a mudar a sua identidade sempre que houver oportunidade para isso, principalmente quando essa mudança resulta num ganho social ou aceitação social. O reconhecimento de si pelos outros começa com o auto-reconhecimento, demandar um respeito às suas formas de ser, sua identidade e sua cultura.

Na atualidade os conflitos e as tensões em busca de reconhecimento social são constantes, as bandeiras levantadas pelos grupos minoritários como o movimento negro, os homossexuais, grupos feministas e tantas ONGS existentes hoje pelo mundo afora, nada mais é senão a luta para garantir os direitos sociais que lhes são negados. A luta pelo reconhecimento social é um debate atualíssimo em nossa sociedade, os grupos que são denominados de minoritários passaram a reivindicar o direito de ter a liberdade de escolher a sua própria identidade social, não aceitando a identidade que lhes foram impostas arraigadas de preconceitos e estigmas sociais.

Nesse mundo moderno líquido a tendência é nos sentirmos cada vez mais confusos, não nos conhecemos mais e muito menos as pessoas que lidamos e convivemos todos os dias, já que todos trocam de “máscara” a cada instante. Isso é contraditório no mundo de hoje, com os avanços científicos e tecnológicos cada vez mais sofisticados, o próprio ser não sabe mais a que grupo pertence, então, ele se pergunta: “Quem sou eu?”

Considerações Finais

O processo da globalização moderna tem possibilitado o avanço da tecnologia e da ciência como nunca visto antes, a tecnologia cada vez mais sofisticada, facilita apenas a vida de alguns, como a maioria das pessoas são privadas dos benefícios e da praticidade tecnológica, acabam sendo excluídas socialmente por não terem as mesmas oportunidades. À medida que a modernidade tenta homogeneizar a cultura e a economia a intolerância com o diferente ou com a diferença torna-se mais evidente. O descompasso dessas mudanças reflete diretamente nas relações sociais e no cotidiano dos indivíduos, tornando as relações pessoais e sociais cada vez mais flexíveis e superficiais. Essas mudanças de comportamento são os reflexos de uma sociedade consumista, onde o mundo se tornou uma vitrine para escolhermos o tipo de informação, os produtos e as relações que queremos ter e descartá-las quando não satisfizer mais, essa variedade de “produtos” são jogados todos os dias em cima das pessoas.

Num mundo tão complexo, onde as mudanças comportamentais acontecem a cada segundo, não poderia ser diferente do que é o indivíduo não ter apenas uma identidade e sim trocá-la sempre que houver oportunidade de ganho ou aceitação social.

Notas: